

Em boca fechada não entra mosquito

HELENA SEVERO

A última rodada das pesquisas eleitorais revela que o presidente Fernando Henrique Cardoso poderá ser reeleito já no primeiro turno. Ao que tudo indica, FH conseguiu estancar a arrancada da candidatura Lula, que desde janeiro vinha ganhando força.

Segundo dados do Ibope, de janeiro a junho FH perdeu aproximadamente 12 milhões de eleitores. Em janeiro tinha 45% das intenções de voto, contra 20% de Lula. No início de junho caiu para 33%, enquanto Lula atingia 28%. Os últimos resultados, porém, apontam uma recuperação do presidente, que aparece com 36%, enquanto Lula despencou para 28%. Na pura matemática eleitoral, FH está a três pontos de faturar a eleição no próximo dia 4 de outubro, repetindo o resultado de 94.

O que terá provocado esta reviravolta do Governo? É claro que o Planalto tratou de melhorar seu esquema de comunicação. Nas últimas semanas, o comando de campanha esteve rastreando dados para ajudar o presidente a decidir o que fazer nas ruas e dizer nos palanques. Parece que deu certo. FH adotou uma série de medidas destinadas,

sobretudo, a combater o desemprego e os efeitos da seca no Nordeste. Mas foi ao anunciar a incorporação do reajuste dado aos militares em 1993 ao salário dos funcionários civis da União, que o presidente gerou o fato de maior impacto político de sua campanha.

Na contramão dos acertos do Governo, a campanha de Lula derrapa numa série de equívocos. E entre os petistas, a crise não gira em torno de um programa de governo. Ali, o problema ainda é um pouco mais elementar: é preciso saber quem manda em quem ou quem faz e fala o quê. Explica-se: o candidato das oposições é Luiz Inácio Lula da Silva, mas quem tem dado o tom da campanha é seu vice, Leonel Brizola, que nas últimas semanas dedicou-se a produzir uma série de declarações no mínimo pitorescas.

Para começo de conversa, Brizola declarou que num eventual governo Lula, à Companhia Vale do Rio Doce, privatizada em 1997, deverá ser reestatizada. Dias depois, anunciou sua intenção de anular a venda da Telebrás, caso sua

chapa saia vencedora. É evidente que não frequenta a cabeça de Brizola a legalidade de tais medidas. O ex-governador do Rio de Janeiro continua o mesmo líder dos anos 60, que defendia as reformas de base "na lei ou na marra".

Pode parecer anedótico, mas nesta altura existem razões suficientes para supor que o PT do Rio rebelou-se (lançando a candidatura de Vladimir Palmeira que, segundo a executiva nacional do partido, inviabilizaria a aliança Lula/Brizola), porque conhecia melhor as táticas e práticas do engenheiro. No imaginário coletivo nacional, seu socialismo moreno pode ser confuso, sua linguagem pitoresca, seus discursos repletos de imprecisões. Mas só quem

vive no Rio de Janeiro é capaz de avaliar o tamanho do estrago provocado por duas administrações brizolistas. Estrago que se traduz, hoje, no diagnóstico da crise do Rio: violência generalizada, controle de grandes áreas pelo tráfico de drogas, corrupção do aparato policial, presença — permitida e por vezes estimulada — da chamada economia in-

formal, nome sob o qual se escondem, por exemplo, os camelôs que, por sua vez, acobertam, com frequência, o contrabando e a receptação.

É evidente que não se pode atribuir exclusivamente a Brizola o mau desempenho da candidatura Lula. Mas já deu para perceber o grau de dificuldade que a aliança de esquerda terá que enfrentar até o próximo dia 4 de outubro. E não vale reclamar das estratégias de comunicação adotadas pelo presidente Fernando Henrique. Ele é candidato à reeleição. Precisa, portanto, dizer o que fez porque, mais que um programa, o eleitor estará avaliando e julgando seu governo.

Já as chances de Lula estão diretamente relacionadas à capacidade que terá, ou não, de apresentar-se como alternativa ao Governo FH. Dele o eleitorado espera a definição de um programa claro e bem estruturado, sobretudo na área social. Mas se continuar falando (pela boca de Brizola) em reestatização da Vale do Rio Doce, Fernando Henrique já pode começar a preparar seu discurso de posse.

HELENA SEVERO é secretária municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

... a campanha
de Lula
derrapa
numa série
de equívocos
